



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE
Curso de Graduação em Administração**

THÁBATA BACK DA SILVA

**CUSTEIO DA PRODUÇÃO DE TABACO PARA UMA LAVOURA DE
PEQUENO PORTE LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO
SUL**

Restinga Sêca

2017



THÁBATA BACK DA SILVA

**CUSTEIO DA PRODUÇÃO DE TABACO PARA UMA LAVOURA DE
PEQUENO PORTE LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO
SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Administração, Faculdade
AntonioMeneghetti-AMF, apresentado como
requisito parcial para obtenção do grau de
bacharel em Administração.

Orientador: Prof. MSc. Leandra
CalegareMeneghetti

THÁBATA BACK DA SILVA**CUSTEIO DA PRODUÇÃO DE TABACO PARA UMA LAVOURA DE PEQUENO PORTE LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração, Curso de Graduação em Administração, Faculdade AntonioMeneghetti – AMF.

Banca Examinadora:

Orientador (a): _____

Prof^a. Ms. Leandra Calegare Meneghetti
Antonio Meneghetti Faculdade - AMF

Membro: _____

Prof^a. Ms. Danielle de Souza Saad
Antonio Meneghetti Faculdade - AMF

Membro: _____

Prof^a. Ms. Ranice Pozzer
Antonio Meneghetti Faculdade - AMF

Restinga Sêca, 30 de Novembro de 2017.

Dedico este trabalho a minha família que sempre esteve do meu lado e me deram apoio para atingir este objetivo.

A minha professora orientadora pelo seu tempo e empenho pelo trabalho.

Com certeza sem a participação, envolvimento e ao mesmo tempo desprendimento destas pessoas, que foram muito importante, nada disto teria sido possível.

AGRADECIMENTOS

A minha professora orientadora, Leandra Calegare Meneghetti, pela atenção, colaboração e a valiosa orientação para o desenvolvimento deste trabalho.

A minha mãe, pelo apoio, incentivo, paciência e colaboração durante todo o curso.

Ao meu namorado por estar ao meu lado nesta conquista importante.

Aos colegas que de alguma forma colaboraram para atingir este objetivo.

Aos professores do curso pelos conhecimentos transmitidos e pela atenção dedicada sempre que solicitados.

Aos meus familiares e amigos pelo apoio e incentivo.

Aos proprietários da propriedade estudada que prontamente permitiram esta pesquisa e participaram fornecendo as informações necessárias para que os objetivos propostos fossem atingidos.

RESUMO

SILVA, B. Thábata. **Custeio da Produção de Tabaco para uma Lavoura de Pequeno Porte localizada no município de Paraíso do Sul.** 2017. 51 páginas. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Administração como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel em Administração. Faculdade Antonio Meneghetti. Curso de Administração, Recanto Maestro – Restinga Sêca/RS, 2017.

A fumicultura é uma atividade que tem grande importância econômica e social para o Estado do Rio Grande do Sul. Os pequenos produtores de tabaco precisam conhecer mais sobre seu negócio e controlar de forma mais eficiente seus custos de produção. Com isso se tem um preparo maior para enfrentar as dificuldades que podem aparecer durante a safra. O objetivo deste estudo de caso é analisar os custos da produção de tabaco em uma propriedade rural no município de Paraíso do Sul. Já os objetivos específicos são: Levantar a cadeia produtiva do tabaco; Identificar os custos da produção do tabaco; e Analisar os custos da produção do tabaco. As informações expostas neste trabalho se deram através de entrevista não estruturada com o arrendatário desta propriedade, visitas in loco, pesquisas bibliográficas, contato com a associação dos fumicultores e orientador de firma fumageira, análise de livro caixa do produtor. Os dados coletados classificam-se em custos fixos e custos variáveis. O montante dos gastos são R\$53.818,58 sendo que 65,10% são custos fixos e 34,90% são custos variáveis. Analisando os custos e o preço de venda por produto chegou a um lucro líquido de R\$ 2.847,42 da safra de 2016/2017. Outra análise feita foi referente ao valor de arrendamento que chegou a 140% do valor do lucro líquido.

Palavras-chave: Custos; Preço de Venda; Produção do Tabaco.

ABSTRACT

SILVA, B. Thábata. **Custeio da Produção de Tabaco para uma Lavoura de Pequeno Porte localizada no município de Paraíso do Sul.** 2017. 51 páginas. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Administração como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel em Administração. Faculdade Antonio Meneghetti. Curso de Administração, Recanto Maestro – Restinga Sêca/RS, 2017.

Tobacco farming is an activity that has great economic and social importance for the State of Rio Grande do Sul. Small tobacco producers need to know more about their business and control their production costs more efficiently. With this, one has a greater preparation to face the difficulties that they can face in the harvest. The objective of this case study is to analyze the costs of tobacco production in a rural property in the municipality of Paraíso do Sul. The specific objectives are: Raising the tobacco production chain; Identify the costs of tobacco production; and Analyze the costs of tobacco production. The information presented in this work was obtained through an unstructured interview with the lessee of this property, on-site visits, bibliographical research, contact with the association of tobacco growers and counselor of firm fumageira, analysis of the producer's cash book. The data collected are classified as fixed costs and variable costs. The amount of expenses is R \$ 53,818.58, with 65.10% being fixed costs and 34.90% being variable costs. Analyzing the costs and the selling price for the product reached a net profit of R \$ 2,847.42 for the 2016/2017 harvest. Another analysis was related to the lease value that reached 140% of the value of net income.

Keywords: Costs; Sale price; Tobacco Production.

LISTA DE ABREVIATURAS

AFUBRA = Associação dos Fumicultores do Brasil

SINDITABACO = Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco

INCRA = Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MS = Margem de Segurança

PE = Ponto de Equilíbrio

CDF = Custos e Despesas Fixas

PVu = Preço de Venda unitário

CDVU = Custos e Despesas Variáveis por unidade

Ha = hectares

PEOq= Ponto de Equilíbrio Operacional em quantidades

PEOR\$ = Ponto de Equilíbrio Operacional em R\$

PEFq = Ponto de Equilíbrio Financeiro em quantidades

PEFR\$ = Ponto de equilíbrio Financeiro em R\$

DRE = Demonstração de Resultado

RS = Rio Grande do Sul

LISTA DE FLUXOGRAMA

Fluxograma 1– Processo do Cultivo do Tabaco na Propriedade estudada.....	38
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de preparo para o tabaco.....	17
Quadro 2 – Classificação do Tabaco em Folha Curado segundo a posição nas plantas...	18
Quadro 3 - Comparação entre a posição das folhas na planta e teores de nicotina.....	19
Quadro 4 - Subclasses do Tabaco de Estufa.....	19
Quadro 5 - Subclasses do Tabaco de Galpão.....	19
Quadro 6 - Subclasses do Tabaco de Estufa.....	20
Quadro 7 - Subtipos do Tabaco em Folha Curado pertencentes ao grupo Tabaco de Estufa.....	20
Quadro 8 - Subtipos do Tabaco em folha Curado pertencente ao grupo de Tabaco de Galpão.....	20
Quadro 9 - Tabela de preço por classe de tabaco (safra 2017).....	22
Quadro10 – Tabela produtividade x valor das culturas socioeconômicas brasileiras.....	23
Quadro 11 - Custo de produção do tabaco de estufa de variedade Virgínia (safra de 2010/2011).....	25
Quadro 12 - Custo de produção de produção de tabaco de variedade Virgínia (safra de 2016/2017).....	26
Quadro 13 - Preço de Venda de Insumos Safra 2018.....	27
Quadro 14 – Preço materiais diversos necessários para produção Safra 2018.....	28
Quadro 15 – Identificação das máquinas, ferramentas e equipamentos.....	40
Quadro 16– Receitas da comercialização do tabaco.....	44

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A empresa vista como um processo.....	24
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Identificação dos gastos na produção do tabaco.....	39
Tabela 02 – Mensuração dos custos fixos na produção do tabaco.....	40
Tabela 03 – Cálculo da depreciação.....	41
Tabela 04 – Mensuração dos custos variáveis na produção do tabaco.....	42
Tabela 05 – Mensuração dos gastos na produção de tabaco.....	43
Tabela 06 – Demonstração do resultado da safra 2016/2017 pelo custeio variável.....	46

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	14
1.2 PROBLEMAS DE PESQUISA	14
1.3 OBJETIVOS	15
1.3.1 Objetivo Geral	15
1.3.2 Objetivos Específicos	15
1.4 JUSTIFICATIVA.....	15
2 ABORDAGEM TEÓRICA	17
2.1 TABACO	17
2.2 PRECIFICAÇÃO	22
2.3 CUSTOS	24
2.3.1 Custos da Produção	30
2.3.3 Análise Custo-Volume-Lucro	32
2.4 CARACTERIZAÇÕES DA PROPRIEDADE ESTUDADA	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
3.1 DELINEAMENTOS DE PESQUISA.....	35
3.2 OBJETOS DE PESQUISA	35
3.3 COLETAS DE DADOS.....	35
3.3.1 Instrumento de coleta	36
3.4 ANÁLISES DE DADOS	36
4 RESULTADOS	37
4.1 A CADEIA PRODUTIVA DO TABACO.....	37
4.2 OS CUSTOS DA PRODUÇÃO DO TABACO PARA A PROPRIEDADE ESTUDADA	38
4.2.1 Mensuração dos Custos na Produção do Tabaco	39
4.3 ANÁLISE DOS CUSTOS DA PRODUÇÃO DO TABACO.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho faz-se referência a um estudo de custo e preço do tabaco em folha. Analisa-se uma lavoura de pequeno porte e leva-se em consideração que uma família de três pessoas adultas vive desta renda anual.

É interessante ressaltar que há muitos casos, se não a maioria, de famílias produtoras de tabaco que plantam sem fazer uma análise prévia de quanto será o custo e por quanto poderá ser vendido o produto. A precariedade da educação financeira dos agricultores faz com que todo o comércio local se prejudique, pois a cidade depende da renda desses pequenos produtores para girar suas mercadorias. Se os agricultores não programar seu plantio, plantando uma quantidade de tabaco adequada para suprir as necessidades e conseguir sustentar a família, o comércio não terá pra quem vender seus produtos.

Para autora, este trabalho tem extrema importância uma vez que sua família é produtora de tabaco. Através deste conseguirá fazer uma análise da situação que se encontra as pessoas que vivem desta renda, conseguindo auxiliá-los a melhorar seu empenho para que torne prazeroso trabalhar assiduamente. Sabe-se que é um trabalho pesado e sofrido, então tem que valer a pena e para que realmente isso aconteça é só colocando no papel e analisando os resultados.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Tem-se como tema deste trabalho o estudo de uma lavoura de tabaco de dois hectares de terra fértil localizada na cidade de Paraíso do Sul. O período a ser observado será o de uma safra, que se refere à nove meses desde o cultivo da muda à colheita. A proposta é analisar estes custos para ver se a quantidade plantada é suficiente para suprir as necessidades da família que depende desta renda.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Nos dias de hoje há muitas famílias que dependem da produção de tabaco para viver. Os produtores rurais cada vez mais estão à procura de números para analisar se a sua produção anual está valendo à pena. Muitos trabalham e não geram resultado deste empenho, pois não plantam a quantidade relevante para que isto aconteça. De outro modo podemos dizer que eles têm todo investimento financeiro, investimento em tempo, trabalho e da própria

saúde, e ao final podem não ter resultado positivo, pois não programam quanto terá que ser plantado para começar a ter lucro.

Um dos fatores que aumenta o custo são os gastos com a compra de insumos (fungicidas, sementes, adubos...). A lavoura tem de ser comprada ou arrendada gerando gastos iniciais para o produtor. Necessita-se de pessoas para ajudar a plantar e adubar as mudas, bem como colhê-las. Nos dias de hoje não é comum o uso de animais para auxílio no plantio, mas sim de pessoas que são pagas por dia.

De acordo com a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), a produção nacional registrada na safra 2015/16 foi de 525.221 mil toneladas no sul do Brasil. O tabaco é cultivado em 271.070 mil hectares do território sul e gera renda para cerca de 144 mil famílias. O sul do país é responsável por 98% da produção, sendo o principal complexo agroindustrial de tabaco do Brasil com 619 municípios.

De acordo com todos estes dados e levando em consideração que os números tenham diminuído da safra 2013/14 para a 2014/15, pergunta-se se é relevante aumentar a produção ou continuar como pequeno produtor. Para isso temos que saber o custo efetivo da produção do fumo. Questiona-se: quais os custos efetivos da produção de tabaco em uma propriedade rural na cidade de Paraíso do Sul?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar os custos da produção de tabaco em uma propriedade rural no município de Paraíso do Sul.

1.3.2 Objetivos Específicos

- 1 - Levantar a cadeia produtiva do tabaco;
- 2 - Identificar os custos da produção do tabaco;
- 3 - Analisar os custos da produção do tabaco.

1.4 JUSTIFICATIVA

Segundo os dados da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) percebe-se que a economia de várias regiões do País depende da cultura do tabaco.

Conforme o Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), o Brasil tem como base as pequenas propriedades, em média com 15,2 hectares, sendo que destes, apenas 16,6% são dedicados à produção da folha. Apesar da pequena lavoura plantada, o cultivo representa 47,9% da renda familiar dos agricultores segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra). A área restante é reservada para culturas alternativas e de subsistência (35,6%), criações de animais e pastagens (20,6%), florestas nativas (16%) e reflorestamento (11,2%).

Segundo a Afubra, 28,1% das famílias que produzem tabaco não possuem terra própria, ou seja, aproximadamente 40 mil famílias desenvolvem a cultura em regime de parceria ou arrendamento.

A principal motivação para a realização deste trabalho é pesquisar o custo efetivo da produção de tabaco nesta propriedade rural para ter em números a produção mínima necessária a ser plantada para que o esforço desses produtores possa gerar resultados e assim valer a pena. Sabe-se que, além disso, levam-se em consideração as mudanças climáticas que ocorrem durante o período da safra.

Reconhece-se que o cultivo do fumo é o sustento da maioria das pessoas que moram em pequenas cidades. O comércio depende de como será a safra para saber como vão ser suas vendas. Esse estudo será feito para que o agricultor tenha como base quanto terá que plantar para custear sua lavoura e quanto será para o seu sustento. Ter essa base irá ajudar na educação financeira da família agrícola que depende da fumicultura.

Este tema abordado no presente trabalho é um assunto rico em diversos ramos da economia local. Com essa análise conseguiremos nortear os agricultores para que seu trabalho venha valer à pena e que eles tenham noção de que quanto mais plantar mais custo terão e qual será o benefício efetivo deste esforço a mais. Não adianta levar em consideração que quanto mais plantar mais vou colher, devo fazer as contas se realmente o aluguel daquela terra e todo o seu custo, do preparo da terra a colheita do produto, valerá o esforço feito.

2 ABORDAGEM TEÓRICA

Nesta abordagem teórica falaremos da cultura do tabaco. Citam-se os tipos de fumo, suas classificações e subclassificações. Faz-se uma pesquisa sobre os custos da produção do tabaco que as fumageiras apresentam aos produtores até a sua venda através das tabelas de preços elaboradas pelas próprias empresas. Essa tabela é formalizada através de uma reunião dos donos de fumageiras com a Afubra (Associação dos Fumicultores do Brasil).

2.1 TABACO

De origem americana o tabaco, segundo os historiadores, surgiu nos vales orientais dos Andes Bolivianos sendo difundido pelo Brasil através das migrações indígena Tupi-Guarani. Em 1530, por ser uma planta com aspecto ornamental e ter função medicinal, foi levada para a Europa para ser cultivada pela família real. Os nobres imitavam a rainha que, por sua vez, adorava pitar o tabaco em pó.

Com tudo, o tabaco expandiu-se rapidamente, era companheiro das expedições portuguesas e parceiro dos marinheiros em suas longas viagens. No século XVII passou a conhecer legislações e taxações figurando entre os principais produtos exportados durante o império sendo marcado no Brasão das Armas da República junto com o ramo de café.

Segundo o Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco) têm-se dois tipos de preparo que se pode fazer com o tabaco dependendo da sua variedade sendo divididos em grupos, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de preparo para o tabaco

Tabaco de Estufa	Tabaco em folha submetido à cura em estufas, com temperatura e umidade controladas, incluindo-se neste grupo todas as cultivares das variedades de Virgínia.
Tabaco de Galpão	Tabaco em folha submetido à cura natural, à sombra ou em galpões, incluindo-se neste grupo todas as variedades de Burley, Comum e Maryland.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do Sinditabaco (2017).

Para o cultivo do tabaco precisam-se tomar vários cuidados e precauções. É necessário preparar as mudas em bandejas. Faz parte desse preparo colocar substrato e deixá-las na água durante, em média, 60 dias. Até serem transferidas para o solo que estará devidamente arado e adubado. Após o processo de plantio deve-se cuidar da planta. Elas recebem em média de duas coberturas de adubo durante o seu crescimento e mantê-las limpas, ou seja, capiná-las, é necessário.

No começo da colheita, antes de começá-la efetivamente, o tabaco é despontado e recebe uma espécie de antibrotante para as folhas crescerem e aumentar de peso. Após isso começa oficialmente a colheita. Essa é feita em cinco etapas (apanhadas) de baixo pra cima. Primeiro a baixeira que é classificado de X, em seguida colhe-se a semimeeiras que é classificada de C, esta por sua vez é feita em duas etapas, após colhe-se as meeiras classificadas de B e por ultimo as ponteiras classificadas de T. Todos estes após sua colheita são levados para a estufa para a cura, permanecendo em média de 5 a 7 dias até completar 100% o processo.

Segundo informações obtidas no site do Sinditabaco, recebe-se os mesmos tratamentos culturais para o tabaco de galpão, a diferença está no processo de colheita que a planta é retirada inteira da lavoura e pendurada no galpão para o processo de cura. Lá ela permanece em média por 60 a 70 dias.

Após esse processo de cura as folhas são divididas por um subgrupo segundo sua arrumação e apresentação:

Folhas Manocadas, pelo Sinditabaco, que são o conjunto de folhas com no máximo 4,0cm de diâmetro, juntadas e amarradas pela extremidade dos talos por uma folha da mesma classificação, devendo ser uniforme quanto ao tamanho, posição na planta, cor e qualidade. Folhas soltas sendo o conjunto de folhas a granel e com talo inteiro, devendo ser uniformes quanto ao tamanho, posição na planta, cor e qualidade.

Conforme informações publicadas no site do Sinditabaco, o Tabaco em Folha Curado, independente do grupo e subgrupo a que pertence, será classificado, segundo a posição nas plantas, em quatro classes conforme o quadro 2.

Quadro 2 – Classificação do Tabaco em Folha Curado segundo a posição nas plantas

X ou Baixeiros	Folhas situadas na parte inferior da planta sendo as primeiras de baixo para cima, cuja textura laminar é fina, formato mais arredondado e, com espessura do talo e nervuras mais finas.
C ou Semimeeiras	Folhas situadas na parte inferior da planta sendo as primeiras de baixo para cima, cuja textura laminar é fina, formato mais arredondado e, com espessura do talo e nervuras mais finas.
B ou Meeiras	Folhas situadas na parte inferior da planta sendo as primeiras de baixo para cima, cuja textura laminar é fina, formato mais arredondado e, com espessura do talo e nervuras mais finas.
T ou Ponteiras	Folhas situadas na parte superior da planta sendo as últimas folhas, de textura laminar média a encorpada ou grossa, formato lanceolado e, com espessura média a encorpada ou grossa do talo e nervuras.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do Sinditabaco (2017).

Collins e Hawks(2011, p. 40) fazem uma comparação entre a posição das folhas na planta e teores de nicotina (quadro 3).

Quadro 3 - Comparação entre a posição das folhas na planta e teores de nicotina

Classificação Grupo	Posição	Nicotina
Baixeras	1	2.12
Semimeeiras	2	2.49
Meeiras	3	2.59
Alto-pé	4	3.17
Ponteiras	5	3.27

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do Sinditabaco (2017).

O Sinditabaco informa que após o processo de secagem, as folhas são separadas e manocadas conforme sua classe sendo possível assim enfardá-las e levá-las para venda. Ao chegar na empresa de tabaco o produtor submete o seu produto a avaliação e então é definida sua subclasse, o tipo, o subtipo do produto.

Nos quadros a seguir estão relacionados às subclasses, os tipos e os subtipos.

Quadro 4 - Subclasses do Tabaco de Estufa

Subclasse do Tabaco de Estufa	
Fumo O	Constituída de folhas de cor laranja, admitindo-se manchas acastanhadas que ocupem até 50% de sua superfície.
Fumo R	Constituída de folhas em que a cor castanha claro a castanho escuro ocupe mais de 50% da superfície da folha, podendo chegar ao predomínio total sobre as cores laranja e limão.
Fumo L	Constituída de folhas de cor limão, admitindo-se manchas acastanhadas que ocupem até 50% de sua superfície.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do Sinditabaco (2017).

O próximo quadro a apresentar mostra a subclasse do tabaco de galpão:

Quadro 5 - Subclasses do Tabaco de Galpão

Subclasse do Tabaco de Galpão	
Fumo L	Constituída de folhas de cor castanho claro, separando-as daquelas que possuem a coloração castanha escuro.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do Sinditabaco (2017).

Abaixo descreve-se as subclasses do tabaco de estufa:

Quadro 6 - Subclasses do Tabaco de Estufa

Tipo para Tabaco de Estufa ou Galpão	
Tipo 1	Constituído de folhas maduras, com boa granulidade e elasticidade, com textura de acordo com sua posição na planta e cor de forte intensidade.
Tipo 2	Constituído de folhas maduras, de granulidade e elasticidade moderada, com textura de acordo com sua posição na planta e cor de intensidade moderada.
Tipo 3	Constituído de folhas não maduras a passadas de maduras, de granulidade e elasticidade mínimas, com textura de acordo com sua posição na planta e cor de fraca intensidade.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do Sinditabaco (2017).

Ainda segundo as informações que o Sinditabaco disponibiliza têm-se os subtipos do Tabaco em Folha Curado que pertence ao grupo Tabaco de Estufa, dos tipos 2 e 3.

Quadro 7 - Subtipos do Tabaco em Folha Curado pertencentes ao grupo Tabaco de Estufa

Subtipos	Características
K	Constituído de folhas que apresentam em sua superfície, isoladamente ou em conjunto, com predominância de até 50% de incidência, coloração esbranquiçada ou pálida, acinzentada, carijó, descorada ou queimada pelo sol, escaldada na estufa ou tostada por excesso de calor durante o processo de cura, com aroma linóleo, serão separadas apenas por classe.
G2	Constituído de folhas com características de tabaco maduro, que no processo de cura secaram com manchas esverdeadas, excluída a coloração verde capim, independente da classe ou subclasse.
G3	Constituído de folhas com características de tabaco imaturo, que no processo de cura secaram com manchas esverdeadas, excluída a coloração verde capim, independente da classe e subclasse.
N	Constituído de folhas que apresentam em sua superfície, isoladamente ou em conjunto, com predominância de mais de 50% de incidência, coloração acinzentada, carijó, escaldadas na estufa, avermelhadas por excesso de calor durante o processo de cura, queimadas pelo sol, ardidadas e pretas quebradiças, isentas de matérias estranhas e impurezas, desde que apresentem bom estado de conservação e sanidade.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do Sinditabaco (2017).

Tem-se o Tabaco em Folha Curado pertencente ao grupo Tabaco de Galpão que, conforme o Sinditabaco, será classificado em três subtipos.

Quadro 8 - Subtipos do Tabaco em folha Curado pertencente ao grupo de Tabaco de Galpão

Subtipo K	Constituído de folhas das classes X, C, B e T que apresentam em sua superfície, isoladamente ou em conjunto, coloração esbranquiçada ou pálida, acinzentada.
Subtipo G	Constituído de folhas que apresentam coloração esverdeada, excluída a coloração verde capim.
Subtipo N	Constituído de folhas das classes X, C, B e T que apresentam em sua superfície, isoladamente ou em conjunto, com predominância de mais de 50% de incidência, coloração acinzentada, descorada ou queimada pelo sol, isentas de matérias estranhas e impurezas, desde que apresentem bom estado de conservação e sanidade.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do Sinditabaco (2017).

O Sinditabaco ainda ressalta que há folhas de tabaco curado que não se enquadram em nenhum dos tipos e subtipos descritos. Estes serão os Fora de Tipo.

A umidade do tabaco é outro requisito importante, pois o percentual máximo que pode ser atingido é de 17%, caso ultrapasse pode ser rebeneficiado ou comercializado como está. Não será tolerada no produto, a presença de matérias estranhas, impurezas e contaminantes de qualquer origem ou espécie.

Seguindo as regras expostas no Sinditabaco será desclassificado e proibido a sua internalização e comercialização, o tabaco em folha curado apresentar uma ou mais das características indicadas abaixo: Mau estado de conservação; Mais de 20% de folhas ardidas; Folhas mofadas, podres e folhas com talos não bem curados; Folhas de brotos que, pelas suas características, não se enquadram em nenhum dos tipos e subtipos descritos; Folhas umedecidas propositadamente; Folhas torradas por excesso de calor no processo de cura; Folhas com coloração verde capim; Sinais evidentes de aplicação excessiva de defensivos agrícolas no tabaco ou, terem sido usados no tratamento defensivos ou produtos químicos proibidos pela legislação vigente; Fragmentos de lâminas e talos; Sinais evidentes de contaminação do tabaco.

A partir de Collins e Hawks (2011) a produção de cigarros iniciou durante a Guerra Civil Norte Americana. Houve um crescimento lento, mas firme, no final do século 19. O consumo estava dirigido à classe de maior poder aquisitivo, capaz de pagar os altos custos de produção dos cigarros manufaturados.

Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), as propriedades rurais são classificadas por tamanho de área:

Minifúndio – é o imóvel rural com área inferior a 1 (um) módulo fiscal;

Pequena Propriedade - o imóvel de área compreendida entre 1 (um) e 4 (quatro) módulos fiscais;

Média Propriedade - o imóvel rural de área superior a 4 (quatro) e até 15 (quinze) módulos fiscais;

Grande Propriedade - o imóvel rural de área superior 15 (quinze) módulos fiscais.

Conforme o Incra a classificação é definida pela Lei 8.629, de 25 de fevereiro de 1993 e leva em conta o módulo fiscal e não apenas a metragem, que varia de acordo com cada município. No caso do município de Paraíso do Sul, inscrita pelo código 4314027 na Lei citada a cima, um módulo fiscal mede 20 hectares.

2.2 PRECIFICAÇÃO

Segundo contato com a Afubra através de trocas de email, o preço do tabaco é composto pelo custo de produção acrescentado do lucro que as empresas fumageiras desejam ter. Os produtores rurais não opinam no preço do produto. O lucro é um percentual particular de cada fumageira podendo variar de uma pra outra. Assim percebe-se que não tem uma fórmula pronta para calcular o preço anual do tabaco, é inconstante de ano pra ano.

A Souza Cruz destaca que o Brasil é o segundo maior produtor mundial de tabaco. O faturamento total do setor é um pouco maior do que 25 bilhões de reais. De acordo com a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), a produção nacional registrada na safra 2014/15 foi de 682 mil toneladas. O tabaco é cultivado em 321.520 mil hectares do território nacional e gera renda para cerca de 615 mil pessoas. O sul do país é responsável por 98% da produção, sendo o principal complexo agroindustrial de tabaco do Brasil com 619 municípios.

A empresa de Tabaco China Brasil Tabaco Exportadora S.A. forneceu, através de contato com instrutor, a seguinte tabela de preço por classe de tabaco usada na safra de 2017.

Quadro 9 - Tabela de preço por classe de tabaco (safra 2017)

TABACO VIRGÍNIA - SAFRA 2017					
CLASSE	PREÇO	ARROBA	CLASSE	PREÇO	ARROBA
BO1	11,6	174	TO1	11,04	165,6
BO2	10,04	150,6	TO2	9,32	139,8
BO3	8,02	120,3	TO3	7,85	117,75
BR1	9,03	135,45	TR1	8,6	129
BR2	6,63	99,45	TR2	5,9	88,5
BR3	4,25	63,75	TR3	3,31	49,65
BL1	8,69	130,35	TL1	7,15	107,25
BL2	7,05	105,75	TL2	5,54	83,1
BK	5,14	77,1	TK	4,01	60,15
CO1	10,3	154,5	XO1	9,04	135,6
CO2	9,04	135,6	XO2	7,6	114
CO3	7,3	109,5	XO3	6,23	93,45
CR1	7,22	108,3	XR1	6,78	101,7
CR2	5,14	77,1	XR2	4,19	62,85
CR3	3,3	49,5	XR3	2,47	37,05
CL1	8,15	122,25	XL1	7,22	108,3
CL2	6,59	98,85	XL2	5,86	87,9
CK	4,1	61,5	XK	3,01	45,15
N	2,58	38,7	SC	1,02	15,3
G2	3,91	58,65	ST	0,62	9,3
G3	1,02	15,3			

*Fonte: Tabela disponibilizada pela empresa de tabacos China Brasil Tabacos Exportadora S.A. (05/2017)

Segundo a Afubra, o tabaco é o segundo produto com maior produtividade, perdendo apenas para o milho. A seguir é apresentada a tabela que comprova as informações anteriores.

Quadro10 – Tabela produtividade x valor das culturas socioeconômicas brasileiras

DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO				
PROPRIEDADE FUMICULTORA SUL-BRASILEIRA				
Safrá: 2015/16				
CULTURA	Hectares plantados	%	Produção	Valor
			kg	R\$
Arroz	0,049	0,3	307	301,00
Batata-doce	0,041	0,3	322	718,00
Batatinha	0,013	0,1	82	197,00
Cana-de-açúcar	0,091	0,6	2.728	389,00
Cebola	0,023	0,2	171	404,00
Feijão	0,280	1,8	397	1.211,00
Fumo (Tabaco)	2,524	16,6	4.891	48.707,00
Mandioca / Aipim	0,106	0,7	2.645	4.126,00
Melancia	0,031	0,2	765	757,00
Milho	3,470	22,8	13.324	9.993,00
Soja	1,202	7,9	3.077	3.662,00
Laranja	0,052	0,3	970	1.329,00
Pêssego	0,017	0,1	98	294,00
Uva	0,013	0,1	129	441,00
Hortaliças	0,016	0,1	102	238,00
Outros produtos agrícolas	0,008	0,1	51	442,00
Açudes	0,010	0,1	Renda tabaco = 47,9	
Mata nativa	2,429	16,0		
Mata reflorestada	1,697	11,2		
Pastagens	3,129	20,6		
SUBTOTAL	15,2	100,0	30.059	73.209,00
CRIAÇÕES	Cabeças/um	Produção		Valor
		kg	R\$	
Produção animal		10.985	27.087,00	
Produtos granjeiros		144	1.307,00	
SUBTOTAL		11.129	28.394,00	
Total Geral		41.188	101.603,00	

Fonte: Afubra / Pesquisa NUPES 2011

* Produção litros.

Analisando a tabela acima percebemos que o tabaco é um produto que gera bastante renda para os plantadores. Apesar de ser uma planta que é cultivada a céu aberto, quando acertada e não afetada pelas mudanças climáticas, podem tranquilamente ser uma renda interessante para muitas famílias.

2.3 CUSTOS

Custos são os gastos relacionados à produção do produto ou serviço desejado. Exemplos de custos seria matéria-prima, mão-de-obra, energia elétrica, depreciação de máquinas, arrendamento de terras ou a compra da mesma, entre outros custos. O cálculo do custo do produto não é tão simples, pois temos que avaliar a energia gasta, a mão-de-obra utilizada, os materiais, tudo o que envolve a produção.

Segundo Bornia (2010), após a Revolução Industrial, quando o setor industrial começou efetivamente a se desenvolver, essa dificuldade na determinação dos custos culminou com o aparecimento da contabilidade de custos, voltada inicialmente para a avaliação dos inventários. Assim, o valor dos insumos consumidos para a produção dos itens vendidos equivalia ao custo dos produtos vendidos.

Bornia (2010, p.30) afirma que a análise de um sistema de custos pode ser efetuada sob dois pontos de vista. Primeiro, podemos ver se o tipo de informação gerada é adequado às necessidades da empresa e quais seriam as informações importantes que deveriam ser fornecidas. Essa discussão está intimamente relacionada com os objetivos do sistema, portanto para uma decisão pode não ser válido para outra. A análise do sistema sob enfoque, será dada a denominação princípio de custeio.

O outro ponto de vista que Bornia afirma é a como os dados são processados para a obtenção das informações, ou seja, esse estudo diz respeito à parte operacional do mesmo. A expressão método de custeio será empregada para se referir ao sistema encarado sob esse prisma.

Figura 1 - A empresa vista como um processo



Fonte: Análise Gerencial de Custos, Antonio Bornia, 2010.

Para Bornia (2010) o sistema de custos deve estar em sintonia com o de gestão, para que as informações geradas produzam bons resultados.

Marion e Iudícibus (2011) afirmam que custo é a utilização de bens ou serviços na produção de outros bens ou serviços. Sendo que em uma indústria identificamos como custo todo gasto de dentro da fábrica, seja ele matéria-prima, mão-de-obra, desgaste de máquina, aluguel da fábrica, imposto predial da fábrica, pintura da fábrica, etc.

Collins e Hawks Jr. (2011, p.307) apresentam uma tabela de custo de produção do tabaco de estufa da safra de 2010/2011 conforme quadro 10.

Quadro 11-Custo de produção do tabaco de estufa de variedade Virgínia (safra de 2010/2011)

CUSTO OPERACIONAL DE PRODUÇÃO DE TABACO		
Safra 2010/2011		
DISCRIMINAÇÃO	R\$/ha	%
CUSTOS VARIÁVEIS		
Mão-de-obra	6.246,53	51,6
Operações com animais e máquinas	505,66	4,2
Operações com benfeitorias	147,10	1,2
Suprimentos agrícolas	2.197,62	18,2
Lenha	978,63	8,1
Energia Elétrica	82,15	0,7
Seguro da Produção	293,15	2,4
Funrural	292,58	2,4
Despesas financeira	103,01	0,9
SUB-TOTAL	10.846,43	89,6
2. CUSTOS FIXOS		
Correção do Solo	101,49	0,8
Depreciação de utensílios	526,04	4,3
Depreciação de Implementos	31,39	0,3
Depreciação de animais e máquinas	208,56	1,7
Depreciação de benfeitorias	390,09	3,2
SUB-TOTAL	1.257,57	10,4
TOTAL	12.104,00	100,0
Produtividade	Kg/ha	2,082
Custo Operacional	R\$/kg	5,81

Fonte: Tabela retirada do livro Fundamentos da Produção do Tabaco de Estufa (W.K.Collins e S. N. Hawks Jr , 2011)

Identifica-se que na safra de 2010/2011 gastava-se menos do que se gasta nos dias de hoje. A Afubra apresenta uma tabela da safra de 2016/2017.

Quadro 12 - Custo de produção de produção de tabaco de variedade Virgínia (safra de 2016/2017)

CUSTO OPERACIONAL DE PRODUÇÃO DE TABACO		
Safra 2016/2017		
DISCRIMINAÇÃO	R\$/ha	%
CUSTOS VARIÁVEIS		
Mão-de-obra	11.110,70	53,7
Operações com animais e máquinas	751,00	3,6
Operações com benfeitorias	385,90	1,9
Suprimentos agrícolas	3.609,80	17,4
Lenha	1.027,80	5,0
Energia Elétrica	345,10	1,7
Seguro da Produção	608,00	2,9
Funrural	453,40	2,2
Despesas financeira	182,70	0,9
SUB-TOTAL	18.474,40	89,2
2. CUSTOS FIXOS		
Correção do Solo	269,80	1,3
Depreciação de utensílios	856,30	4,1
Depreciação de Implementos	47,70	0,2
Depreciação de animais e máquinas	256,70	1,2
Depreciação de benfeitorias	797,70	3,9
SUB-TOTAL	2.228,20	10,8
TOTAL	20.702,60	100,0
Produtividade	Kg/ha	2.284
Custo Operacional	R\$/kg	9,06

*Fonte: Afubra(CEPA/UFRGS)

Para melhor entendermos os custos dos suprimentos agrícolas, faz-se uma tabela de preço dos Fertilizantes, corretivos, defensivos, sementes e materiais diversos que faz-se necessário para o processo de produção do tabaco. O fornecimento dessas tabelas deu-se através de contato com o orientador agrícola da empresa China Brasil.

Quadro 13 - Preço de Venda de Insumos Safra 2018

Preço de Venda de Insumos Safra 2018		
Descrição do Produto		Preço de Venda
Fertilizantes e Corretivos		
Salitre do Chile 15.00.15	sc	R\$ 125,00
Adubo de Cobertura 18.02.14	sc	R\$ 79,50
Substrato de Casca de Base	sc	R\$ 16,50
Substrato TN Gold	sc	R\$ 16,50
Substrato Carolina	sc	R\$ 16,50
Adubo Orhano Mineral 09.07.7 PLUS	sc	R\$ 57,00
Adubo 10.10.10	sc	R\$ 62,50
Adubo de Cobertura 15.00.07 Yara	sc	R\$ 90,00
Calcário de Filler Faixa C	T	R\$ 230,00
Calcário Moido-B Pantano	T	R\$ 125,00
Adubo Soluvel 18.06.18	pct	R\$ 5,50
Composto Orgânico	sc	R\$ 7,50
Defensivos		
Gamit 360 CS	L	R\$ 99,00
Prime Plus BR	L	R\$ 65,00
Deoro	L	R\$ 60,00
Dithane NT - 2 quilos	pct	R\$ 50,00
Rovral	pct	R\$ 25,00
Infinito	fr	R\$ 73,00
Talstar 100 EC	fr	R\$ 39,00
Confidor Supra	pct	R\$ 127,00
Boral 500 SC	L	R\$ 195,00
Evidence 700 WG	pct	R\$ 11,50
Serenade	L	R\$ 67,00

*Fonte: Tabela disponibilizada pela empresa de tabacos China Brasil Tabacos Exportadora S.A. (05/2017)

Quadro 14 – Preço materiais diversos necessários para produção Safra 2018

China Brasil Tabacos Exportadora S.A.		
Descrição do Produto	Preço de Venda	
Materiais Diversos		
ArcoGalvani 3.39m-12 arcos	fx	R\$ 164,19
Película pl.14,00x2,80 - 100mic. UV	pc	R\$ 51,79
Lona pl 11,50x2,50-130mic	pc	R\$ 49,59
TalagarcãReemay 14,00x2,30-25	pc	R\$ 20,62
Berço EPS	pc	R\$ 7,56
Borracha 3mm - 2,6 (12 peças)	cnj	R\$ 8,93
Fio Algodão 750 gr	u.n.	R\$ 11,68
Fio Engomado Rami - 3,9 Kg	pc	R\$ 53,61
Pano de Algodão 5,1x6m	pc	R\$ 200,69
Conj. Vestimentas Colheita	pc	R\$ 58,46
Kit Proteção Aplic Agrotóxicos	pc	R\$ 64,41
Kit Descarte de Embalagem	pc	R\$ 7,71
Barra de Aplicação para Flot	pc	R\$ 13,22
Depósito de Agrotóxicos	pc	R\$ 700,00
Sementes		
Alliance One Convencional* Nua	pct	R\$ 8,68
Alliance One Convencional* Peletizada	pot	R\$ 40,15
Alliance One Híbrida** Nua	pct	R\$ 24,96
Alliance One Híbrida** Peletizada	pot	R\$ 85,72
Profigen Híbrida*** Nua	pct	R\$ 40,15
Profigen Híbrida*** Peletizada	pot	R\$ 109,59

*Fonte: Tabela disponibilizada pela empresa de tabacos China Brasil Tabacos Exportadora S.A. (05/2017)

Percebe-se que os custos da produção do tabaco variam de acordo com o preço dos produtos a serem comprados e da mão-de-obra a ser paga. Já o preço de venda de um produto, conforme Oliveira e Perez Jr (2009), no ambiente comercial altamente competitivo dos tempos atuais, está mais relacionado com fatores externos à empresa do que propriamente a seus custos. Mesmo empresas acostumadas a calcular minuciosamente os custos de produção tiveram de rever seus conceitos na hora de enfrentar um mercado competitivo.

Oliveira e Perez Jr (2009) afirmam que os consumidores começaram a rejeitar os produtos que consideravam semelhantes a outros, mas com preço de venda superior. Sem dúvida, foi o início de uma nova situação, em que o preço vem do mercado e não mais da fábrica. Entretanto, o preço obtido a partir do custo é uma referência valiosa para comparar com o preço de mercado e determinar a conveniência ou não de vender o produto pelo preço que o mercado estiver disposto a pagar.

Conhecendo detalhadamente seus custos e o mercado, Oliveira e Perez Jr (2009) escrevem que as alternativas para o empresário podem ser outras, tais como:

- Aumentar as quantidades vendidas;
- Ter uma nova linha de produtos;
- Oferecer prestação de serviços diferenciada, agregando valor para cobrar mais.

A primeira preocupação da Contabilidade de Custos é o cálculo do custo do produto para avaliar os estoques e para apurar o lucro por ocasião da venda do produto. Além disso, este cálculo do custo por produto irá propiciar o estabelecimento do preço final, o custo unitário por produto, o custo por item que compõe o produto para se comparar com o orçado. (Marion e Iudícibus 2011, p. 182).

Conforme estudado no livro Curso de Contabilidade para não contadores dos autores José Carlos Marion e Sérgio de Iudícibus do ano de 2011, há cinco passos para calcular os custos:

No primeiro passo, segundo o livro de Marion e Iudícibus (2011), separamos o custo direto e indireto. Os custos diretos são aqueles que se identificam com o produto. São apropriados diretamente ao produto. Ex: Matéria-Prima e Mão de Obra. Os custos indiretos são aqueles que não identificamos por produto. Não há medida objetiva, mas há necessidade de estimar, de distribuir os custos aleatoriamente por produto. Ex: Aluguel, seguro, etc.

No segundo passo, conforme referência citada no parágrafo anterior, deve-se calcular o custo da matéria-prima. Começamos excluindo os impostos, sobre vendas, inclusos no preço da matéria-prima. Os impostos sobre vendas para a matéria-prima não são custos, mas deduções, sendo que o ônus recai sobre o consumidor e não a empresa. Ex: IPI, ICMS, ISS, entre outros. Após avaliamos o material da matéria-prima, pois pode ser comprada a mesma matéria em duas ocasiões com preço diferente. A solução para isso é calcular um preço médio ponderado.

No terceiro passo, seguindo a mesma referência, precisamos calcular o custo da mão de obra direta. Aqui inclui o valor contratual do salário e encargos sociais (férias, 13º salário, INSS, descanso remunerado, feriados, FGTS, etc.)

No quarto passo, conforme Marion e Iudícibus (2011) calculam-se a distribuição dos custos indiretos não se identificam por produto, por isso há necessidade de fazer uma distribuição proporcional por produto, de forma arbitrária (rateio), considerando algum critério previamente estabelecido.

E de forma simples o quinto passo é a soma dos quatro passos anteriores.

2.3.1 Custos da Produção

Entender os custos de produção é fundamental para aquele que produz algo. Saber quais são eles se torna indispensável porque é através deste conhecimento que se consegue ter o controle e proporcionar a tomada de decisão mais segura.

Segundo Iudícibus e Marion (2011), todos os gastos no processo de industrialização, que contribuem com a transformação da matéria-prima, entendem-se como custo: mão de obra, energia elétrica, desgaste de máquina, aluguel da fábrica, impostos prediais, etc.

O custo de produção diferencia-se do gasto pelo fato de que este último refere-se aos insumos adquiridos, enquanto o custo está relacionado com os insumos efetivamente utilizados (BORNIA, 2010).

2.3.2 Classificação dos Custos

Muitos conceitos são utilizados para se diferenciar os custos, além de existirem várias classificações possíveis (BORNIA, 2010).

2.3.2.1 Classificação por variabilidade

São classificados pelo seu volume de produção em custos fixos ou custos variáveis.

a) Custos Fixos: Conforme Oliveira e Perez JR (2009), custos fixos são aqueles custos que permanecem constantes dentro de determinada capacidade instalada, independente do volume de produção. São classificados como custos de um período de produção. São aqueles que independem do nível de atividade da empresa no curto prazo, ou seja, não variam com alterações no volume de produção (BORNIA 2010).

Como exemplo de custos fixos pode citar aluguel do prédio, salários e encargos sociais das chefias, entre outros.

b) Custos Variáveis: São aqueles custos que mantêm uma relação direta com o volume de produção ou serviço e, conseqüentemente, podem ser identificados com os produtos. Desta maneira, o total de custos variáveis cresce a medida que o volume de atividades da empresa aumenta (OLIVEIRA E PEREZ Jr., 2009, p.64).

São exemplos de custos variáveis a matéria-prima e a mão de obra direta.

2.3.2.2 Classificação pela facilidade de alocação

Trata-se da separação dos custos em diretos e indiretos de acordo com a facilidade de identificação destes com um produto processo, centro de trabalho ou qualquer outro objeto (BORNIA, 2010).

a) Diretos: São os custos que podem ser quantificados e identificados aos produtos ou serviços e valorizados com relativa facilidade. Dessa forma, não necessitam de critérios de rateios para serem alocados aos produtos fabricados ou serviços prestados, já que são facilmente identificados. Os custos diretos, na grande maioria das indústrias, compõem-se de materiais e mão de obra (OLIVEIRA E PEREZ Jr., 2009, p.70).

b) Indiretos: São aqueles que, por não serem perfeitamente identificados nos produtos ou serviços, não podem ser apropriados de forma direta para as unidades específicas, ordens de serviço ou produto, serviços executados etc. (OLIVEIRA E PEREZ Jr., 2009, p.72).

2.3.1.1 Classificação pelo auxílio à tomada de decisões

Esta classificação pelo auxílio à tomada de decisões tem como foco classificar os custos conforme sua relevância. Conforme Bornia (2010) esta classificação é válida apenas para aquela decisão que se encontra em pauta, uma determinada decisão a ser tomada.

a) Custos relevantes: são aqueles realmente importantes para subsídio à tomada de decisão e que se alteram dependendo da decisão a ser tomada.

b) Custos não relevantes: são custos não considerados no momento de tomada de decisão ou que independem da decisão tomada.

2.3.1.2 Classificação pela facilidade de eliminação

Segundo Bornia (2010), esta classificação é útil quando é necessário analisar a possibilidade de se suspender temporariamente as atividades da empresa ou a descontinuação de uma linha de produtos.

- a) Custos fixos elimináveis ou evitáveis: são custos que caso a empresa deixe de realizar suas atividades por um período, ela pode eliminá-los no curto prazo. Como exemplo: energia elétrica, salários e aluguéis (BORNIA, 2010).
- b) Custos fixos não elimináveis: mesmo que a empresa suspenda as atividades durante um período esses custos continuam a existir. Conforme Bornia (2010) não são possíveis de ser eliminados em curto prazo. Como exemplo: depreciação, IPTU e taxas urbanas de limpeza e saneamento.

2.3.3 Análise Custo-Volume-Lucro

Segundo Bornia (2010), a análise custo-volume-lucro determina a influência no lucro provocada por alterações nas quantidades e nos custos.

A classificação dos gastos na contabilidade gerencial diferencia-os em relação aos volumes de produção e vendas, apresentando-os como fixos, que não oscilam no curto prazo em função dos volumes, e variáveis, que oscilam conforme produção e vendas (BRUNI, 2008).

O **custeio por absorção** segundo Bruni (2008, p 64), estabelece que todos os gastos produtivos, inclusive os indiretos, devem ser incorporados ao valor dos estoques. Neste processo de acumulação de gastos produtivos nos valores dos estoques, existe a acumulação dos custos indiretos e a necessidade do uso de critérios de rateio ou divisão destes gastos que não diretos. A complexidade e a subjetividade existentes neste processo de divisão provocam, muitas vezes, distorções nas informações relevantes de custos obtidas pelo custeio por absorção.

O **custeio variável ou indireto** somente aparece quando a atividade ou a produção é realizada. Nesse sentido eles são evitáveis porque se pode comandar o volume da atividade ou da produção (LEONE, 2008).

A **margem de contribuição** é o montante da receita diminuído dos custos variáveis (BORNIA, 2010).

A margem de contribuição unitária, segundo Bornia (2010, p.55) representa a parcela do preço de venda que resta para a cobertura dos custos e despesas fixos e para a geração do lucro, por produto vendido.

O **ponto de equilíbrio** é o nível de vendas no qual o lucro é nulo. (BORNIA, 2010).

O ponto de equilíbrio contábil apresenta o volume de venda ou faturamento que determinado empreendimento precisa obter para cobrir todos os seus gastos. No ponto de equilíbrio contábil o lucro é nulo (BRUNI, 2008).

Pode ser calculado pelas seguintes expressões:

$$PEq = \frac{CDF}{PVu - CDVu}$$

$$PE\$ = PEq \times PVu$$

Onde:

PE = ponto de equilíbrio

q = quantidade

CDF = custos e despesas operacionais fixos no período

PVu = preço de venda unitário

CDVu = custos e despesas operacionais variáveis por unidade

Segundo Oliveira e Perez Jr (2009), com o ponto de equilíbrio pode-se determinar o nível de atividade necessário para cobrir todos os custos e despesas, avaliar a lucratividade em vários níveis de venda e favorecer a análise dos efeitos da lucratividade decorrente de alterações nos custos fixos e variáveis, nas despesas, no volume de vendas, no preço de vendas e na distribuição de produtos vendidos.

A **margem de segurança** segundo Bornia (2010, p 64), é o excedente da receita da empresa sobre a receita no ponto de equilíbrio. Conseqüentemente, representa o quanto às vendas podem cair sem que haja prejuízo para a empresa.

Para Bruni (2008, p 93), as margens de segurança apresentam o quanto a empresa pode perder em vendas, expressas em quantidade ou unidades monetárias, sem ultrapassar para baixo o ponto de equilíbrio.

$$MS = \frac{\% \text{ Margem de lucro}}{\% \text{ Margem de Contribuição}}$$

Onde:

MS = Margem de Segurança

Margem de Lucro = Lucro Safra / Receita Operacional Líquida

Margem de Contribuição = Margem de Contribuição / Receita Operacional Líquida

O conceito financeiro de **alavancagem operacional** segundo Bruni (2008, p 93), associa-se ao conceito físico, no qual uma pequena força em um grande braço de alavanca consegue provocar uma força muito maior do outro lado. Em linhas, apresenta o fato de que uma menor variação nas vendas costuma provocar variações mais graves no lucro operacional próprio e no lucro operacional, calculado antes do Imposto de Renda.

2.4 CARACTERIZAÇÕES DA PROPRIEDADE ESTUDADA

A propriedade estudada é de característica de pequeno porte. É uma área de terra fértil de 2 hectares de várzea que são arrendadas. O arrendatário recebe uma carta de anuência referente a esses dois hectares, porém não utiliza a mesma para tomar crédito para custear a lavoura.

O modo de eles custearem a lavoura é com recursos próprios. A manutenção da propriedade é por conta do arrendante que planta o restante da propriedade. Como recurso de produção tem na terra forno para secagem do tabaco, galpão para armazenagem do tabaco também chamado de Paiol, trator Massey 65x, reboques para auxílio de transplante da muda e colheita, máquina para transplante da muda, adubadeira manual, tecedeira, bem como pás, garfo e enxada para auxiliar na produção.

O contrato de arrendamento é feito no início da safra que geralmente começa no mês de Junho e vai até o mês de Janeiro no próximo ano. O preço estabelecido no acordo é a cada mil pés de tabaco plantado o valor de R\$130,00. O total da área plantada é 2 hectares que totalizam 30 mil pés de tabaco.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo será realizada uma pesquisa qualitativa com cunho descritivo baseado em um estudo de caso no qual se destina a analisar o custo da lavoura de tabaco.

3.1 DELINEAMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa será realizada através de estudos em uma lavoura de contendo 2 hectares, sendo que em cada hectare plantam-se em média 16 mil pés de fumo. Será realizada uma pesquisa *in loco* visando corroborar as informações obtidas em diversas referências bibliográficas consultadas.

3.2 OBJETO DE PESQUISA

Tem-se como objetivo de pesquisa identificar os custos de uma lavoura plana de 2 hectares de terra de solo fértil. Leva-se em consideração que é um solo pesado tendo maior produtividade. Por ser uma terra arrendada não teremos custo da depreciação de máquinas e equipamentos, porém em contrapartida tem-se o custo do arrendamento. A propriedade conta com 2 hectares de terra fértil, uma estufa com varanda para cura do tabaco e com os equipamentos necessários para a produção, como por exemplo, tecedeira, adubadeira, trator com reboque e pulverizador.

3.3 COLETAS DE DADOS

A coleta de dados realizada se deu pela busca de conhecimentos de produtores e orientadores rurais bem como de referências bibliográficas referentes ao assunto e, analisando-as para entendimento do processo da produção do tabaco para assim conseguir realizar a exposição no presente trabalho.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico referente ao tema em estudo e utilizei pesquisas em sites para coletar dados e estudar a produção do tabaco e seus processos.

Outra fonte de coleta de dados foi a Afubra, sendo feito contato com a mesma para a solicitação de materiais sobre custeio e manejo.

As visitas *in loco* foram realizadas para acompanhar o processo do cultivo do tabaco na propriedade estudada. Iniciada a safra, no mês de junho, começou o acompanhamento da

produção do tabaco onde neste mês foram semeadas as mudas. No final do mês de Agosto foi realizada a segunda visita na propriedade e iniciou-se a plantação. A terceira visita foi feita no começo de Novembro quando começou o desponde da planta e em seguida o início da colheita.

3.3.1 Instrumento de coleta

Realizou-se um levantamento bibliográfico referente ao tema em estudo. Posteriormente, foi aplicada uma entrevista não estruturada com produtor rural que arrenda uma propriedade de 2 hectares de terra fértil para entender o processo do tabaco, desde o cultivo até a venda. A coleta de informações realizada na propriedade rural colaborou para atingir os objetivos da pesquisa e com o entendimento dos aspectos relacionados ao manejo e custeio da produção de tabaco. Foram realizados acompanhamentos da produção para compor o passo a passo desta rotina.

3.4 ANÁLISES DE DADOS

A partir da entrevista realizada com o produtor rural, buscou-se obter um embasamento do processo produtivo. O estudo analisou a forma de custeio que é usada na propriedade rural hoje. As tabelas no presente trabalho auxiliaram para analisar as classificações do tabaco, seu preço de venda e os custos da produção em duas safras para melhor embasamento nos resultados.

Foi criado um fluxograma do cultivo do tabaco na propriedade estudada para que facilite o entendimento dos processos e torne-se referência para produção.

Através das tabelas do referencial teórico consegue-se montar os cálculos para entender os custos da produção do tabaco e assim analisá-los de forma que se obtenha um resultado e entendimento sobre este ramo.

4 RESULTADOS

4.1 A CADEIA PRODUTIVA DO TABACO

Para facilitar o entendimento faz-se a separação por etapas da produção do tabaco.

Começa-se a produção do tabaco preparando em bandejas as mudas que serão transportadas para os viveiros e analisando o pH dos viveiros, caso necessite é acrescentado calcário para fazer o balanceamento da terra.

No pré-plantio, que em conversa com o produtor rural, caracteriza-se como a etapa de preparar os viveiros capinando o solo e adubando-o para receber as mudas. Após a preparação as mudas são transplantadas para os viveiros e nelas são acrescentados os substratos necessários para semear a muda, que para a quantidade de 2 hectares o produtor calcula, por experiência de safra, em 200 kg de substrato.

O tabaco se desenvolve nos viveiros em determinados 3 meses, podendo variar conforme as relações climáticas que se apresentam. Conversando com o produtor rural depois de passado 80 dias do desenvolvimento e amadurecimento da planta, para que estar cresça de forma mais robusta é feita o desponte que é quebra da ponta a partir da penúltima folha da planta e aplicado agrotóxico na mesma concluindo o processo de plantio.

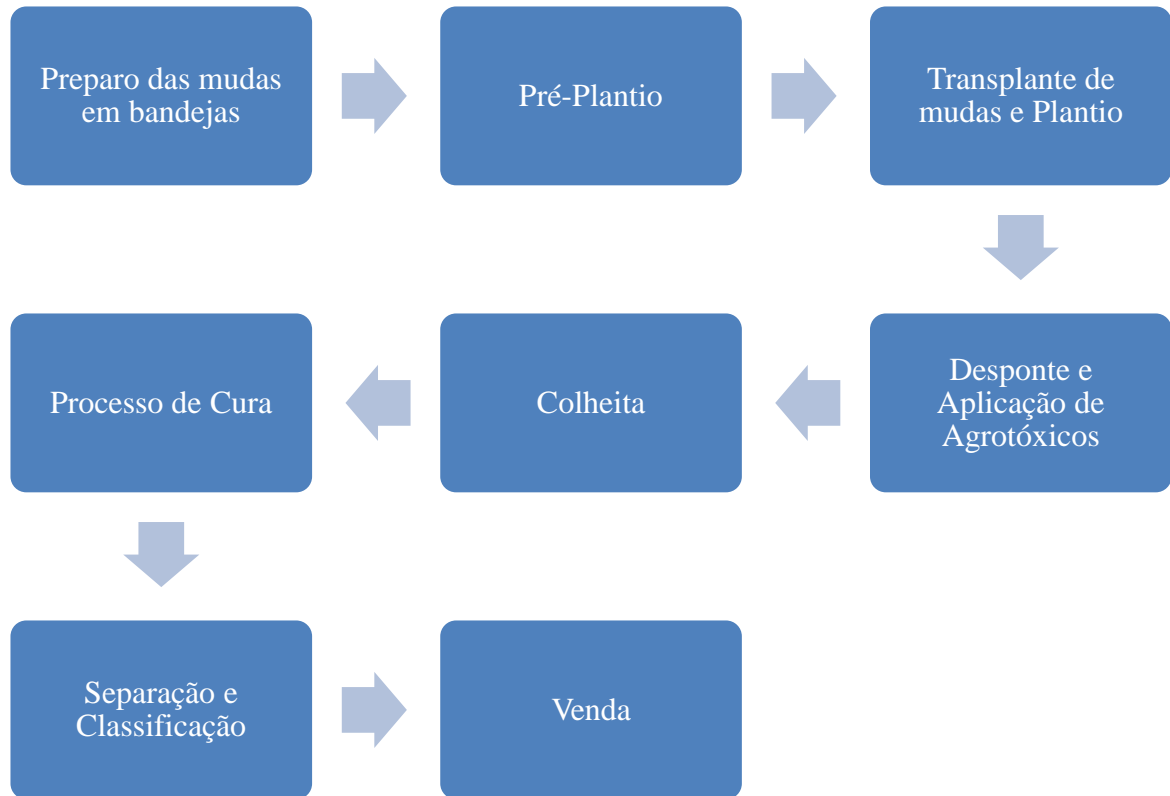
Passado os 3 meses da planta se desenvolver ela está pronta para a colheita. Esta se inicia colhendo as folhas da parte de baixo da planta denominada baixeira e segue até as ponteiras que são as folhas mais altas do pé.

Com o auxílio de uma carroça as folhas são levadas para o processo de cura dentro do forno (estufa). Através da experiência do produtor ele explica que o processo na estufa passa por etapas e cada etapa tem sua temperatura. A primeira etapa é a Amarelção da folha que varia do início com 32°C até o final que chega em 103°C que em condições normais os suspiros estão fechados ao longo de toda amarelção. A próxima etapa é a Secagem Lamina que varia de 40°C a 105°C, esta etapa serve para aumentar lentamente a temperatura do bulbo seco. Em condições de estiagem os suspiros iniciam fechados, porém se der muita chuva os suspiros já iniciam todos abertos. A última etapa do processo de cura é a Secagem do Talo que começa em 63°C a 115°C. Esses três processos levam em torno de 7 dias para toda a colheita dos 2 hectares de tabaco.

O processo de separação das folhas inicia a partir do momento que as folhas saem da estufa e estão prontas para serem selecionadas e classificadas conforme suas classes e sub-classes. Com essa classificação as folhas são manocadas e enfardadas para ir para venda.

Cada fardo tem sua característica pela classificação das folhas. O processo do cultivo do Tabaco está representado no fluxograma 1 a seguir.

Fluxograma 1– Processo do Cultivo do Tabaco na Propriedade estudada



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2 OS CUSTOS DA PRODUÇÃO DO TABACO PARA A PROPRIEDADE ESTUDADA

Na Tabela 01 são apresentados os custos identificados na atividade do tabaco na safra 2016/2017 na pequena propriedade rural que está sendo estudada. Está propriedade planta Tabaco de tipo Virgínia. Procura-se classificar em custos fixos ou variáveis e despesas fixas ou variáveis.

Tabela 01- Identificação dos gastos na produção do tabaco

CUSTOS FIXOS	CUSTOS VARIÁVEIS
Pró-labore	Semente
Depreciação de máquinas, ferramentas e equipamentos	Inseticida(confidor)
Revisão de equipamentos e máquinas	Inseticida (talster)
	Fungicida(rovral)
	Fungicida(Infinito)
	Adubo 10.10.10
	Substrato
	Secante (Post+Assist)
	Salitre do Chile
	Anti-Brotante (Prime-Plus)
	Mão-de-obra temporária
	Arrendamento
	Pré-Germinativo (Gamit)
	Pré-Germinativo (Boral)
	Luz
	Lenha
	Mão-de-obra temporária
	Talagarço (lona transparente)
	Lona preta

Fonte: Elaborada pelo autor.

Pode-se verificar na Tabela 01 que os custos variáveis se apresentam em maior quantidade. A identificação destes gastos é de fundamental importância, pois conhecê-los é o primeiro passo para que o empreendedor perceba quais são os elementos que serão consumidos mais significativamente na atividade e, assim possa partir para a fase de mensuração.

Ressalta-se que não foram identificadas despesas fixas no estudo realizado, e que a inclusão do grupo na tabela acima se trata de mera formalização.

4.2.1 Mensuração dos Custos na Produção do Tabaco

A mensuração dos custos fixos da produção do tabaco tipo virgínia está apresentada na Tabela 02.

Tabela 02 – Mensuração dos custos fixos na produção do tabaco

CUSTOS FIXOS	CUSTO FIXO TOTAL EM R\$
Pró-labores	R\$ 33.732,00
Depreciação máquinas, ferramentas e equipamentos	R\$ 1.006,00
Revisão de equipamentos	R\$ 300,00
TOTAL DOS CUSTOS FIXOS	R\$ 35.038,00

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com base no livro caixa do produtor rural o custo com pró-labores gasto na última safra foi de R\$ 33.732,00 equivalente apenas ao salário dos três adultos da família que vivem desta renda. Calcula-se o salário com base no valor do salário mínimo de hoje que é de R\$937,00 que seria o mínimo de valor que iria valer a pena ir para lavoura. A média de gastos com revisão de equipamentos foi de R\$ 300,00. O montante dos custos fixos para os 2 hectares estudados é de R\$ 35.038,00, isto equivale a dizer que cada hectare custa R\$ 17.519,00. Por ser uma atividade que depende maior parte do tempo de mão-de-obra manual, temos ainda a mão-de-obra temporária que é variável, pois depende da demanda de serviço então esta é classificada como custo variável.

O montante da depreciação foi obtido mediante os cálculos apresentados na Tabela 03. No entanto no levantamento realizado na propriedade foram identificadas as máquinas, ferramentas e equipamentos que estão sendo utilizados na atividade descritos no Quadro 15 por ordem do ano de aquisição.

Quadro 15 – Identificação das máquinas, ferramentas e equipamentos

DESCRIÇÃO DOS BENS	ANO DE AQUISIÇÃO
Trator MF 65x	1980
Reboques	1980
Paíol	1980
Disco Hidráulico	1990
Tecedeira	2005
Enxadas	2010
Pás	2010
Garfo	2010
Pulverizador Costal	2010
Adubadeira Manual	2010
Máquina de Transplante	2015
Estufa de secagem	2015

Fonte: Elaborado pelo autor.

A depreciação corresponde à diminuição do valor dos elementos decorrente do desgaste pelo seu tempo de uso, ação da natureza ou obsolescência normal. Assim, conforme

os prazos de vida útil definidos pela Receita Federal dos bens identificados na propriedade estudada apenas os adquiridos a partir de 2015 sofrem depreciação para o período da safra 2016/2017, encontrando-se os demais totalmente depreciados.

O quadro abaixo apresenta o cálculo da depreciação a partir do levantamento dos bens fixos identificados na entrevista não estruturada com o produtor rural arrendatário da propriedade estudada, cálculos estes realizados a taxas de depreciação oficiais baseadas na instrução normativa da receita federal do Brasil N° 1700, de 14 de Março de 2017 (BRASIL, 2017).

Tabela 03 – Cálculo da depreciação

DESCRIÇÃO DOS BENS	ANO DE AQUISIÇÃO	VALOR R\$	PRAZO ANOS	TAXA DE DEPRECIÇÃO	VALOR DA DEPRECIÇÃO ANUAL R\$
Máquina de Transplante	2015	60,00	10	10%	6,00
Estufa de secagem	2015	10.000,00	10	10%	1.000,00
TOTAL DA DEPRECIÇÃO					1.006,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os gastos apresentados com revisão de equipamentos são decorrentes das necessidades de manutenção no período da última safra. Neste valor estão incluídos os gastos com peças utilizadas na substituição das danificadas, óleos lubrificantes, outros insumos de manutenção (graxas,...) e mão-de-obra mecânica.

A mensuração dos custos variáveis será apresentada na Tabela 04, e representam o montante dos gastos que oscilam conforme a quantidade de tabaco plantado por hectare para os 2 hectares cultivados.

Tabela 04 – Mensuração dos custos variáveis na produção do tabaco

CUSTOS VARIÁVEIS	Unidade De Consumo	Unidades Consumidas		Custo Unitário (em R\$)	Custo Variável Total para 2 Ha (em R\$)
		1 Ha	2 Ha		
Semente	Pote	1,5	3	40,15	120,45
Inseticida (confidor)	pct	1/2	1	127,00	127,00
Inseticida (talstar)	pct	½	1	39,00	39,00
Fungicida (Rovral)	pct	½	1	25,00	25,00
Fungicida (Infinito)	pct	½	1	73,00	73,00
Adubo 10.10.10	sacos	15	30	62,15	1.864,50
Pré- Germinativo (Gamit)	litros	1	2	99,00	198,00
Pré- Germinativo (Boral)	litros	0,5	1	195,00	195,00
Secante (Post + Assist)	litros	1	2	70,00	140,00
Salitre do Chile	sacos	10	20	125,00	2.500,00
Substrato	sacos	6	12	99,00	198,00
Anti-Brotante (Prime Plus)	litros	3	6	16,50	390,00
Mão-de-Obra temporária	hora			12,50	6.000,00
Arrendamento	Mil pés tabaco	15	30	130,00	3.900,00
Lenha	metros	20	40	65,00	2.600,00
Luz	preço por Ha	1	2	100,00	200,00
Lona preta	un.	1,5	3	49,59	148,77
Talagarço (lona transparente)	un.	1,5	3	20,62	61,86
TOTAL DOS CUSTOS VARIÁVEIS					18.780,58

Fonte: elaborado pelo autor.

* 60 dias de mão-de-obra temporária.

*pct = pacote

*un. = unidade

Através da Tabela 04 evidenciou-se que montante dos custos variáveis para a safra de 2016/2017 foi de R\$ 18.780,58. Podemos dizer então que cada hectare plantado tem um custo variável de R\$ 9.390,29. Este valor equivale ao custo de toda produção do tabaco, desde o preparo dos canteiros, da preparação das mudas até o fardo de tabaco pronto para a firma recolher, ou seja, o custo variável do início da safra, Maio, até o fim da safra, Janeiro do próximo ano.

Conforme a pesquisa em dois hectares conseguiu-se plantar 30 mil pés de tabaco. Desses 30 mil pés conseguimos fazer 400 arrobas de tabaco. Então podemos dizer que cada pé de tabaco tem um custo variável de R\$0,63 e que cada arroba tem um custo variável de R\$ 46,95.

Através destes números conseguimos verificar que o que torna o custo de uma lavoura caro é a mão-de-obra e por ser uma terra arrendada o custo aumenta absurdamente. As somas

do valor da mão-de-obra e do valor do arrendamento equivalem a 52,71% dos custos variáveis.

Com isso, identificamos os gastos e apresentamos resumidamente na Tabela 05.

Tabela 05 – Mensuração dos gastos na produção de tabaco

CUSTOS NA PRODUÇÃO DO TABACO	Valor em R\$
Total dos custos fixos	35.038,00
Total dos custos variáveis	18.780,58
TOTAL DOS GASTOS	53.818,58

Fonte: elaborado pelo autor.

O valor dos custos totais na produção de dois hectares de tabaco é de R\$53.818,58 onde os custos fixos representam 65,10% da produção e os custos variáveis 34,90% da produção. Por fim, conclui-se que cada pé de tabaco pronto para venda tem o custo de R\$1,80 e cada arroba o custo de R\$134,55.

Se analisarmos o quadro 11 do referencial teórico verificamos que conforme a Afubra o custo do kg de tabaco pronto é R\$9,06. Levando em consideração que 1 arroba de tabaco tem 15kg, o custo de cada arroba para a Afubra é de R\$135,90. Podemos então considerar que as informações que o produtor rural nos apresentou através de uma pesquisa *in loco* não estruturada são verídicas já que condizem com as informações registradas na ultima safra pela Afubra.

4.3 ANÁLISE DOS CUSTOS DA PRODUÇÃO DO TABACO

A partir dos custos identificados e mensurados será feita a análise custo-volume-lucro da propriedade estudada. Para isto, parte-se da elaboração e apresentação da demonstração do resultado pelo custeio variável para a safra 2016/2017.

Porém primeiramente é preciso conhecer ainda as receitas obtidas com a comercialização deste produto, a qual será demonstrada no Quadro 16:

Quadro16– Receitas da comercialização do tabaco

Quantidade produzido (arroba)	tabaco	Preço médio de venda (arroba)	Receita total R\$
400		145,00	58.000,00

Fonte: elaborado pelo autor.

Verifica-se então, que a receita total das vendas com a safra 2016/2017 foi de R\$ 58.000,00. No entanto cabe destacar que o preço médio da arroba pode variar de acordo com a classificação do produto, o que não ocorreu nesta safra analisada. Neste caso todo produto foi vendido por um preço médio único de R\$145,00.

Feito isto, no quadro XX demonstrar-se-ão resultado obtido pelos pequenos produtores rurais com a exploração da atividade.

Tabela 06 – Demonstração do resultado da safra 2016/2017 pelo custeio variável

	Valor em R\$
RECEITA OPERACIONAL BRUTA	58.000,00
Receita Com Vendas de Tabaco	58.000,00
(-) DEDUÇÕES DA RECEITA BRUTA	(1.334,00)
FUNRURAL (2,3%)	(1.334,00)
(=) RECEITA OPERACIONAL LÍQUIDA	56.666,00
(-) CUSTOS VARIÁVEIS	(18.780,58)
Custos Variáveis	(18.780,58)
(=) MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO	37.885,42
(-) CUSTOS FIXOS	35.038,00
Custos Fixos	35.038,00
Despesas Fixas	0,00
(=) LUCRO DA SAFRA 2016/2017	2.847,42

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme o Tabela 06 a safra 2016/2017 apresentou como resultado um lucro de R\$2.847,42, 5% da receita líquida, o que é investido na atividade, levando em consideração que o pró-labore dos três proprietários já foi descontado nos custos fixos.

Considerando o preço final médio de venda por arroba de R\$145,00 e descontando o FUNRURAL de 2,3%, obtemos um preço de venda líquida de R\$141,66. Através do custo variável total dividido pela quantidade produzida calculamos um custo variável unitário de R\$46,95 por arroba.

Com os dados dos quadros e tabelas anteriores é possível calcularmos o ponto de equilíbrio da atividade. O ponto de equilíbrio fornece o nível de atividade onde as receitas se equivalem aos gastos e o resultado é nulo.

Considerando todos os gastos envolvidos na atividade apresenta-se o Ponto de Equilíbrio Operacional da safra 2016/2017.

$$PEOq = \frac{35.038,00}{141,66 - 46,95} = 369,95 \text{ arrobas}$$

$$PEOR\$ = 369,95 \times 141,66 = \text{R\$ } 52.497,17$$

Observa-se então que são necessárias aproximadamente 370 arrobas de tabaco para atingir o ponto de equilíbrio, dentro do volume da área plantada, frente aos gastos incorridos e o preço médio de comercialização da safra 2016/2017 e, em R\$ isto equivaleria a um montante de R\$ 52.497,17.

Acredita-se ser importante destacar frente aos resultados obtidos quanto o valor do gasto com arrendamento é significativo para os produtores, pois através de uma análise simples vê-se que este valor representa aproximadamente 140% do valor do lucro calculado da seguinte forma:

$$\frac{\text{R\$3.900,00 (Valor do Arrendamento)}}{\text{R\$2.847,42 Lucro Op. Safra 2016/2017}} \times 100 = 140\%$$

A quantidade (ou índice) das vendas que excede o ponto de equilíbrio, ou seja, o quanto a produção e vendas de arrobas de tabaco podem cair sem que se incorra em prejuízo é definida pelo cálculo da margem de segurança, a seguir:

$$MS = \frac{\text{Lucro Safra / Receita Op. Líquida}}{\text{Margem de Contribuição / Receita Op. Líquida}} \times 100$$

$$MS = \frac{2.847,42 / 56.666,00}{37.885,42 / 56.666,00} \times 100 = 7,5\%$$

Evidencia-se que a produção e vendas podem cair 7,48%. Isto representa uma quantidade de 30 arrobas de tabaco, tendo em vista que o volume trabalhado é de 400 arrobas. Este resultado também pode ser obtido subtraindo das 400 arrobas produzidas e comercializadas as 370 necessárias para atingir o ponto de equilíbrio operacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Tabaco em âmbito mundial é um produto de grande importância econômica e social. O cultivo representa 47,9% da renda familiar dos agricultores segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra).

A principal idéia do trabalho realizado foi determinar os custos efetivos da lavoura de tabaco e analisá-las para verificar o esforço árduo de sol a sol durante o período de safra vale a pena. O custo total, somando o custo variável de R\$18.780,58 e o custo fixo de R\$35.038,00, foi de R\$53.818,58.

Fez-se uma análise dos custos, e o pró-labore que representa 96,30% do valor. Pensa-se que se os sócios não tivessem esse valor como renda principal seria uma renda extra anual que teriam.

Através da pesquisa realizada podemos perceber que uma família com três integrantes fazendo uma retirada anual de R\$11.244,00 cada, sobra de lucro total em média de R\$2.847,42. Se esse valor fosse novamente dividido entre os três sócios ficariam com uma renda anual de R\$12.193,14.

Conforme a Afubra, 28,1% das famílias que produzem tabaco não possuem terra própria, ou seja, aproximadamente 40 mil famílias desenvolvem a cultura em regime de parceria ou arrendamento.

Outro valor exorbitante que representa 140% do valor do lucro é o do arrendamento. Cada hectare citado neste trabalho tem um valor de avaliação de R\$15.000,00. Se em um ano os sócios não fizessem a retirada do pró-labore conseguia-se comprar a terra, podendo então ter por ano mais R\$3.900,00 de lucro para dividir no fim da safra. Após esta aquisição o pró-labore dos sócios mais o lucro dividido entre os três seria um valor total de R\$ 13.493,14 para cada sócio por ano.

Além destas análises a autora do trabalho simulou um financiamento para aquisição da terra. Com uma taxa de juros de CDI+6% ao ano, onde a CDI no dia da simulação estava em 7,5% ao ano. O valor de R\$30.000,00 se transforma em R\$ 46.200,00 dividido em sete safras totalizando no valor das parcelas em: primeiro ano R\$8.335,71; segundo ano R\$7.757,14; terceiro ano R\$7.178,57; quarto ano R\$6.600,00; quinto ano R\$6.021,43. Sexto ano R\$5.442,86; sétimo ano R\$4.864,29.

Percebe-se que nos primeiros anos se somarmos o valor do arrendamento e o valor do lucro não cobrem o valor da parcela. Por isso não é viável a aquisição desta terra através do

financiamento. Como solução sugere-se que em um ano os sócios arrendem 4 hectares, para que 2 hectares sejam destinadas a renda anual e os outros 2 hectares para a compra da terra.

REFERÊNCIAS

AFUBRA. **Fumicultura no Brasil**. [2017]. Disponível em: <<https://afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

Amadeu Antonio Bonato (Org.). **DESAFIOS E POTENCIALIDADES PARA A DIVERSIFICAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR PRODUTORA DE TABACO**: Estudo a partir dos diagnósticos realizados nas Unidades de Produção Familiar da Chamada Pública de ATER para a Diversificação nas Áreas de Cultivo de Tabaco. [s.i.], 2013. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Tabaco_-_para_site_SAF__PDF.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

BORNIA, C Antonio. **Análise Gerencial de Custos**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

BRASIL. **Instrução Normativa RFB Nº 1700 de 14 de Março de 2017**. Disponível em: <http://normas.receita.fazenda.gov.br/sijut2consulta/link.action?idAto=81268&visão=anotado>, Acesso em 04 nov. 2017.

BRUNI, A. L. **A administração de custos, preços e lucros**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. **Planejamento Estratégico**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2010.

CHINA BRASIL TABACOS EXPORTADORA S.A.. **Tabelas**. [s.i.], 2017. Material impresso entregue em mãos.

COLLINS, W.K e HAWKS, S.N.Jr. **Fundamentos da Produção do Tabaco de Estufa**. Santa Cruz do Sul, 2011.

Incra. **Classificação dos Imóveis Rurais**. [1993]. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/tamanho-propriedades-rurais>>. Acesso em: 03 jun. 2017

INCRA. **Sistema Nacional de Cadastro Rural: Índices Básicos de 2013, 2013**. Disponível em: http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/estrutura-fundiaria/regularizacao-fundiaria/indices-cadastrais/indices_basicos_2013_por_municipio.pdf. Acesso em 03 jun. 2017.

JR. PEREZ H.J. e OLIVEIRA M. L. **Contabilidade de custo para não contadores**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

KIRINUS, Janine. **Tabaco**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <janine@afubra.com.br>. em: 25 maio 2017.[representante da Afubra].

LEONE, S. G. G. **Custos: planejamento, implantação e controle**. 9. ed. 9. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MARION, C. J. e IUDÍCIBUS S. **Curso de contabilidade para não contadores**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2011.

KIRINUS, Janine. **Tabaco**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <janine@afubra.com.br>. em: 25 maio 2017.[representante da Afubra].

SINDITABACO. **Perfis do Produtor e da Industria**. 2017. Disponível em: <<http://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/perfis-do-produtor-e-da-industria/>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

SOUZA CRUZ TABACO (Santa Cruz do Sul). **Tabaco**. [2017]. Disponível em: <http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DO9YAEUN?opendocument>. Acesso em: 30 maio 2017.